



EU AMEI VICTORIA BLUE



TODOS OS NOMES DE PERSONAGENS REAIS NESTA OBRA, INCLUINDO "VICTORIA BLUE", FORAM SUBSTITUÍDOS POR NOMES FICTÍCIOS, PARA PRESERVAR A PRIVACIDADE DAS PESSOAS. QUALQUER SEMELHANÇA COM OUTRAS PESSOAS COM OS MESMOS NOMES, VIVAS OU MORTAS, TERÁ SIDO MERA COINCIDÊNCIA.

ESTÊVÃO ROMANE

EU AMEI VICTORIA BLUE

*Minha história de amor
com uma garota de
programa em Nova York*

GERAÇÃO

EDITORIAL



EU AMEI VICTORIA BLUE

Copyright © 2010 by ESTÊVÃO ROMANE

1ª edição – Agosto de 2010

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

EDITOR E PUBLISHER

Luiz Fernando Emediato

DIRETORA EDITORIAL

Fernanda Emediato

PRODUÇÃO EDITORIAL

Ana Paula Lou

CAPA

Alan Maia

PROJETO GRÁFICO

Guilherme Xavier

DIAGRAMAÇÃO

Guilherme Xavier

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Renata da Silva

REVISÃO

Josias A. Andrade

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Romane, Estêvão

Eu amei Victoria Blue

Estêvão Romane. -- São Paulo : Geração Editorial,
2010.

ISBN 978-85-61501-44-0

1. Romane, Estêvão - Memórias autobiográficas
I. Título.

10-07086

CDD-920.71

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Homens : Memórias autobiográficas 920.71

GERAÇÃO EDITORIAL

ADMINISTRAÇÃO E VENDAS

Rua Pedra Bonita, 870

CEP: 30430-390 – Belo Horizonte – MG

Telefax: (31) 3379-0620

Email: leitura@editoraleitura.com.br

EDITORIAL

Rua Major Quedinho, 111 – 7º andar, cj. 702

CEP: 01050-030 – São Paulo – SP

Telefax: (11) 3256-4444

Email: producao.editorial@terra.com.br

www.geracaoeditorial.com.br

2010

Impresso no Brasil

Printed in Brazil





*I never knew a man
could tell so many lies.
He had a different story
for every set of eyes.
How can he remember
who he's talkin' to?
'Cause I know it ain't me,
and I hope it isn't you.*

NEIL YOUNG







1

Alguns nesta cidade já tiveram o privilégio de estar com Victoria Blue, mas eu não pagaria dois mil dólares por ela. Ainda que ela fosse tudo aquilo em que cheguei a acreditar. E eu já acreditei muito. Tanto que quando aterrissei em Nova York, aos 18 anos de idade, namorava uma mulher de 47. Havíamos começado a namorar seis meses antes de minha partida.

Conheci Sylvia quando eu tinha nove anos de idade, ela era professora de inglês em minha casa. Sempre a desejei. Lembro-me de tentar colocar uma câmera de vídeo no banheiro para espioná-la, mas nunca deu certo: a câmera era muito grande e faltava espaço para posicioná-la dentro do cesto de roupa suja. Quando contei isso a ela, já namorados, ficou lisonjeada. Vá entender...

Sua espiritualidade englobava um *pot-pourri* místico de Deus, santos, espiritismo, conspiração de alienígenas envolvendo o governo norte-americano, fantasmas, as muitas vidas de Marilyn Monroe, numerologia, anjos da guarda, auras, o poder do cosmos sobre nossa consciência, a força da mentalização, a transmigração da alma, reaparições em sonhos, vidas passadas. Ela parecia sempre buscar a peça que fosse para completar um infindável quebra-cabeças.





ESTÊVÃO ROMANE

Nasceu e se criou na mesma cidade que eu, São Paulo. Teve uma vida difícil. Aos 18 anos concebeu uma filha com um americano, sem planejar a gravidez. O sujeito foi aprender engenharia de som em Nova York e acabou viciado em heroína. Menos de uma década depois, sob custódia do Estado por tráfico, foi encontrado morto, assassinado com dois tiros na cabeça perto do portão de sua casa em Maryland. Aparentemente uma briga de bar mal resolvida: “Atira! Pode atirar! Não ligo mais. Já perdi tudo nessa merda de vida”, teriam sido suas últimas palavras.

Minha relação com Sylvia era quase que pura lascívia, agressiva, animal, anal. Um espetáculo. Não tínhamos limites, vivíamos esfolados.

Adorava vê-la jogada na cama, exausta, ainda tremendo de seus orgasmos e gemendo num misto de dor e prazer. Adorava sentir o cheiro de sexo no ar depois de tantas horas trancados no quarto. Transávamos na praia ao cair da tarde, numa rua, encostados num carro qualquer, até por telefone e internet, quando distantes fisicamente. Trocávamos tapas, deixava marcas de minha mão em sua bunda, amarrava-a com lençóis e por vezes a surrava com cinto.

Mas a vida foi me levando, me levando, e terminei com Sylvia definitivamente em meados de janeiro de 2008. Disse, por telefone, que queria “viver Nova York” e ela entendeu, ou pareceu entender.

Depois de um ano e meio vivendo um namoro a distância, estava solteiro. Me joguei nos quentes braços de Lady Apple.





2

Moro num prédio comum de cinco andares no Upper West Side, até que bem cuidado pelo que posso observar na região. O dono, Robert, americano nascido em Nova Jersey, músico evangélico, bonachão, careca gorducho falante, era casado com uma alta executiva de banco e fazia papel de síndico aos trancos e barrancos. Desenvolvemos boas relações rapidamente.

O bacana mantém um estúdio de música no térreo. Por uma dessas boníssimas coincidências, vim para Nova York estudar engenharia de som e logo nos primeiros meses por aqui remodelei seu estúdio, fiz o som de um *show* em memória do 11 de Setembro no Central Park e acabei por fazer alguns trabalhos para sua igreja.

Cheguei nesta cidade sem expectativas mirabolantes. No entanto, logo nos primeiros dias, Nova York mostrou sua imponência e tomei um belo sopapo. Me vi cercado de música, pintura, loucos, comida, bebida, luz, roupas, câmeras, espectadores, encenações, charutos, promoções, festas, pobreza, *glamour*, esportistas, roqueiros, bilionários, famosos, taxistas, drogados, mendigos, lixo, carrões, propagandas, obras, sirenes, polícia, bombeiros, bêbados, sujeitos mal-encarados, anônimos, muitos anônimos... Aprendi que tudo o que se pode imagi-





nar acontece em Nova York 24 horas por dia, 60 vezes por hora, 60 vezes por minuto, em mais de um idioma. O que não está acontecendo, o dinheiro faz acontecer. E há bastante dinheiro.

Estudava numa faculdade no Harlem, antiga, de certa forma respeitada, porém sofrivelmente burocrática, medíocre. Tinha cursos de manhã e de tarde, com longos períodos livres entre uma aula e outra. Meu dia sempre acabava antes das cinco da tarde, exceto quando tinha algumas horas a mais no estúdio de música ou aulas de coro. Diga-se de passagem que tenho uma voz para canto terrível, algo entre Florence Foster Jenkins e Chatorix, o que me rendia maldosos comentários de meu professor, um velhinho de mais de 90 anos, veterano de duas guerras, Rupert Evian.

Foi num fim de expediente desses, numa sexta-feira, que Bahia, amigo brasileiro que conheci no Brooklyn, me chamou para o aniversário de sua namorada num bar no East Village. O lugar tinha aquele estilão alternativo, paredes sujas grafitadas, cadeiras dos anos 70 com o couro vermelho rasgado, mesas azuis de aço e madeira vagabunda e chão de hospício quadriculado preto e branco. Acho que chamam isso de *hipster*.

Já havia visto junkies e gente esquisita em minha vida, mas todos juntos num mesmo local, tomando cerveja ao meu lado, era novidade. Um sujeito careca, gordão com tatuagens por todo o corpo, entrou no bar com um cachorrinho do tamanho de um ratão a tiracolo. O diabo do cachorro era uma graça, o que dava àquela figura ares de amabilidade.

Sentado ao balcão, eu bebia uma cerveja atrás da outra, tentando captar os fluidos da noite. Acabei por puxar conversa com uma loira americana de cabelos descuidados, dotada de um rosto com traços finos e olhos azuis muito bonitos e convidativos. Ela tinha uma voz mansa, gostava de sorrir, mas seu olhar era de quem havia sofrido muitas dores do coração. De fato, ela ainda carregava a plaqueta de identificação do exército de seu noivo, morto a tiros num estacionamento por dois jovens viciados em *crack*.





Em pouco tempo de conversa ela me apresenta sua irmã, Jovana, que falava sobre sexo com o *barman*, algo sobre surubas; uma coisa levou à outra e obtive seu telefone. Ela se dizia “curiosa para provar uma carne mais nova”. Saímos dois dias depois, belo domingo, e logo estávamos aqui em casa trepando em meu sofá sujo.

Era uma boa mulher. Morena de corpo esguio, alta, cabelos longos e encaracolados, 29 anos, estudava para ser curadora. Dizia que não gostaria de ser uma grande diretora de museu porque achava que isso a faria perder seu foco na família. Queria apenas casar, ter filhos e educá-los numa casa afastada da cidade.

Jovana me contou que não havia tido um orgasmo em mais de dois anos. Ela chegava a se masturbar cinco, seis, sete vezes por dia com os mais diversos vibradores possíveis, mas, quando com um homem, não conseguia relaxar o suficiente: “Os homens nesta cidade são uma merda, fui tratada que nem lixo, que nem meretriz!”

Certa vez, no jardim de infância, ela recebeu de um professor umas palmadas na bunda e, desde então, sem saber muito bem por que, ficara com esse tesão. “É, sou uma sadomasoquista”, gostava de dizer. Ela fantasiava em arranjar uma mulher a quem pudesse mandar ficar pela-da, ajoelhar-se e me chupar:

– Te chupar cada vez mais forte, fazê-la engasgar em você. Quero fazê-la tomar toda a sua porra, depois quero que ela me faça gozar enquanto você arregança o cu dela.

Tinha também a fantasia de me comer com uma cinta-pinto. Uma imaginação fértil, como se vê.



